

# Tecnologias de Informação

Entrevistas

Casos de  
Sucesso

Bolsa de Negócios

Opinião

Painel  
de notícias

## “As TIC são um “peso pesado” neste jogo”

Os desafios da inovação no mercado nacional, a forma como o “Portugal tecnológico” está a evoluir e o peso das Tecnologias de Comunicação, são alguns dos temas analisados por Miguel Barbosa, administrador da Agência Nacional de Inovação (ANI).

### Como antevê o futuro do chamado Portugal Tecnológico?

A inovação em Portugal enfrenta dois grandes desafios, ambos com a mesma resposta: mais e melhor colaboração! Por um lado, a globalização e a velocidade de criação de conhecimento vieram associar a sobrevivência das empresas à necessidade de desenvolver vantagens competitivas, obrigando-as a partilhar com outros o risco – e o prémio – de grandes investimentos em I&D & Inovação (I&I). Por outro lado, é fundamental que o país seja capaz de “qualificar” a correia de transmissão e transferência de conhecimento das universidades e do sistema científico para o mercado e as empresas. O futuro do chamado “Portugal Tecnológico” será, por isso, cada vez mais colaborativo e intensivo em conhecimento.

### No contexto de inovação em I&D, como vê o desenvolvimento particular do sector das TIC?

As TIC são um “peso pesado” neste jogo, cujo impacto vai muito para além do seu sector “tradicional”. Uma das áreas com uma maior integração com as TIC é a das tecnologias de produção. É, por isso, natural que um dos temas para o qual devemos olhar com maior expectativa seja o da Indústria 4.0, que viu, em cerca de cinco anos, os investimentos em I&I aumentarem exponencialmente, indiciando a chegada de novas tecnologias e soluções inovadoras, capazes de potenciar transformações significativas, algumas delas verdadeiramente radicais. Portugal deve estar atento a novas tecnologias de produção digitais com aplicação em sectores e nichos, nos quais possa construir vantagens competitivas.



### **Inovação e competitividade empresarial andam de mãos dadas?**

Absolutamente! A inovação, mais do que uma mão, é um braço – uma alavanca! – fundamental para a competitividade das nossas empresas. A I&I em colaboração teve uma contribuição enorme para o significativo aumento de competitividade da economia nacional nos últimos anos. Veja-se, por exemplo, a evolução do país no principal *ranking* de competitividade – o “Global Competitiveness Report” do World Economic Forum, em que Portugal surge em 23.º, entre 140 países, no que se refere ao indicador que mede a colaboração entre empresas e universidades ao nível de I&D. – e repare-se como a inovação, a tecnologia e a capacidade das nossas instituições científicas foram as principais alavancas deste aumento de competitividade.

### **Como tornar Portugal mais competitivo nestes sectores?**

Apesar da evolução positiva do nosso sistema de I&I, a verdade é que temos um enorme potencial de melhoria na *performance* do nosso processo de valorização do conhecimento e sua transformação em inovação no mercado.

O aumento e a qualificação da inovação em colaboração será, porventura, o investimento mais seguro nesse sentido, e deve ser feito ao longo de três grandes “avenidas” de comercialização do conhecimento: aprofundamento das relações de colaboração em atividades conjuntas de I&I, promoção da mobilidade de inteligência e de pessoas para empresas (existentes ou a criar) e fomento da proteção e comercialização dos ativos de conhecimento.

### **Que papel desempenham as políticas públicas na dinamização destas áreas? O Portugal 2020, por exemplo?**

Traçado o diagnóstico, importa que as políticas públicas concorram para resolver as “dores” do sistema. Vemos o Portugal 2020 como uma grande oportunidade. Foi feito um enorme esforço de melhoria da cobertura de apoios à cadeia de comercialização do conhecimento, com o objetivo de sofisticar e qualificar a I&I em colaboração. Destaque para os apoios a projetos demonstradores e linhas piloto, à participação nacional em programas e iniciativas internacionais, à inserção de recursos humanos altamente qualificados (PhDs) nas empresas e ao estímulo da criação de parcerias estratégicas de médio e longo prazo entre empresas e entidades do sistema científico.

### **A internacionalização será o caminho?**

Definitivamente, e sob duas perspetivas. Uma de processo, em que devemos fomentar a internacionalização do Sistema de I&I, animando mais empresas e entidades científicas a participar no Horizonte 2020, que é, simplificando, a “Champions League” da I&I: um programa altamente concorrencial, onde podemos colaborar com os melhores da Europa. Outra, de resultado, em que devemos apostar num sector tecnológico fortemente exportador. Este é um caminho que o país está já a fazer – venceu um desequilíbrio histórico na sua balança



“

Portugal deve estar atento a novas tecnologias de produção digitais (...) nos quais possa construir vantagens competitivas

”

de pagamentos tecnológica e acumulou nos últimos anos um saldo positivo de cerca de 600 milhões de euros –, mas que deve ser capaz de consolidar e aumentar.